

**AQUISIÇÃO E APRENDIZAGEM DE SEGUNDA LÍNGUA:
ANÁLISE DE DOIS CASOS COLOMBIANOS NO
CONTEXTO BRASILEIRO ENTRE DIFICULDADES E PROGRESSOS**

*Talita Vieira dos Santos**
*Sueid Fanaeze***

RESUMO:

Este trabalho apresenta um estudo de caso sobre os fatores que influenciaram a aquisição e aprendizagem de segunda língua para dois colombianos, um adulto e um adolescente, no contexto brasileiro. Durante o estudo, ambos os participantes residiam no Brasil e apresentavam desempenho linguístico diferenciado. Abordagens de autores, como Krashen, Schutz, Lightbown e Spada e outros, foram utilizadas para explicar o processo enfrentado por estes estrangeiros para aprender o português brasileiro. A coleta de dados foi feita por meio de questionário na qual os participantes apresentaram suas experiências, apontando os aspectos negativos e positivos enfrentados para aprender a língua alvo. Esta pesquisa objetivou identificar e compreender os fenômenos relatados e considerar este processo em outras situações de aprendizagem. Após a análise dos resultados, percebeu-se qual fator teve maior influência e como este fator determinou a diferença na aquisição e aprendizagem da língua entre os participantes.

PALAVRAS-CHAVE: Aquisição e aprendizagem de segunda língua; Contexto brasileiro; Língua portuguesa.

Introdução

Esta pesquisa partiu da observação de uma situação que passou a fazer parte do meu cotidiano de trabalho. Uma colombiana começou a trabalhar na escola de idiomas onde eu lecionava. No início, seu sotaque carregado e vocabulário dificultavam a compreensão dos seus ouvintes. Algum tempo depois, seu filho chegou ao Brasil e, em um

* Cursa pós-graduação *lato sensu* no curso de Inglês como Língua Estrangeira pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

** Professora Adjunta do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

curto espaço de tempo, foi perceptível seu progresso na língua portuguesa; sotaque menos carregado e vocabulário compreensível. A curiosidade dos colegas de trabalho e também de alunos da escola era saber por que o desempenho dos dois colombianos na língua alvo era tão diferenciado, principalmente o do filho, o qual havia tido contato com a língua por tempo menor comparado com o da mãe.

Com base nesta situação sucintamente contextualizada, questionou-se: por que o desempenho de ambos com relação à aquisição e/ou aprendizagem do português brasileiro processava-se de forma diferente, posto que eles falam a mesma língua materna (espanhol), são parentes (mãe e filho) e moram juntos no país da língua alvo?

Estas questões foram analisadas com base nos relatos das experiências dos participantes à luz de teorias de aquisição e/ou aprendizagem de segunda língua (L2) para auxiliar estudantes e profissionais na área de línguas a identificar e compreender fatores os quais influenciam a forma com que alguns aprendizes de L2 adquirem ou aprendem a língua. Por outro lado, o estudo também considera a possibilidade de aplicação de tal processo em outras situações e, assim, tentar ajudar aprendizes quando da aquisição e/ou aprendizagem de uma língua estrangeira.

Muitos pesquisadores neste campo de atuação descreveram como se procede a aquisição e/ou aprendizagem de segunda língua baseada em suas pesquisas. Tais relatos explicam o processo, e o motivo de alguns aprendizes parecerem desenvolver suas habilidades mais que outros. Para analisar os participantes deste estudo, foram abordados Krashen (1982, 2002) com sua teoria de aquisição de segunda língua, Schutz (2003, 2006, 2012), Scliar-Cabral (1988), Lightbown e Spada (1993) que discutem os seguintes aspectos: motivação, idade, interferência linguística como possíveis fatores para explicar o desempenho na aquisição e/ou aprendizagem dos dois casos de estudo desta pesquisa.

Os resultados obtidos diante do exposto, analisado e discutido, por meio das experiências dos participantes, confirmaram algumas das abordagens teóricas aqui apresentadas. Percebeu-se qual fator teve maior influência e como esse fator determinou a dife-

rença na aquisição e aprendizagem da língua entre os participantes: o adulto e o adolescente.

Abordagens teóricas sobre a aprendizagem e aquisição de segunda língua

Muitas teorias têm sido desenvolvidas para explicar o processo de aquisição e aprendizagem de segunda língua (L2). Uma das mais conhecidas e aceitas nesta área de pesquisa é a teoria de aquisição de segunda língua de Krashen (1982) a qual engloba cinco hipóteses: a diferença entre aquisição e aprendizagem, a ordem natural, o monitor, o input e o filtro afetivo.

De acordo com Krashen (1982, p. 10), há dois sistemas de desempenho em L2: a aquisição e a aprendizagem. A aquisição é um processo pelo qual a criança passa para adquirir e desenvolver sua língua materna (assimilação natural). Trata-se de um processo subconsciente, natural, sem preocupação com regras, com o objetivo de usar a língua para comunicação. Contudo, a aprendizagem desenvolve-se de uma forma consciente por meio de um estudo formal, pelo conhecimento de regras, da gramática, ou seja, é aprender a falar sobre a língua (Krashen, 1982, p. 10.).

Com relação a hipótese de ordem natural, Krashen (1982, p. 12) descobriu que a aquisição de estruturas gramaticais ocorre em ordem previsível, algumas estruturas são adquiridas mais cedo e outras mais tarde, seguindo uma ordem natural.

A respeito da hipótese do *monitor*, abordada por Krashen (1982, p. 15-16), define a relação entre a aquisição e aprendizagem. Ela caracteriza-se pela maneira de organizar e estruturar a fala e a escrita já adquiridos, com base no conhecimento consciente de regras formais, isto é, sua preocupação está na forma correta de transmitir a mensagem na língua já adquirida. Assim sendo, Krashen (1982, p. 16) chamou atenção sobre como usar o *monitor*, é preciso que o aprendiz em L2 faça uso dele apropriadamente, pois seu uso excessivo ou não uso pode interferir no desempenho do aprendiz bem como causar problemas de comunicação.

Outra hipótese, o *input*, segundo Krashen (1982, p. 20), refere-se somente ao processo de aquisição; e para explicá-la o autor buscou responder uma importante questão em seu campo de estudo: ‘Como adquirimos a língua?’. Isso posto, ele concluiu: um aprendiz está em um estágio de conhecimento adquirido (i) e quando ele recebe uma nova informação na L2 um pouco além do seu nível atual e a compreende, então ele atingiu um estágio a mais ($i + 1$) (Krashen, 1982, p. 21).

Por fim, a hipótese do filtro afetivo (1982, p. 30-31) ancorou-se em variáveis afetivas como: motivação, autoconfiança e ansiedade, as quais estão vinculadas à aquisição da L2. Se o filtro afetivo estiver alto (ansiedade, desmotivação) como Krashen (ibid. p. 31) declarou forma um bloqueio mental e o aprendiz não compreenderá o *input*. Por outro lado, o autor (1982, p. 31) acrescentou: se o filtro estiver baixo (motivação, autoconfiança, baixo nível de ansiedade) o *input* será compreensível e o aprendiz terá sucesso na aquisição da L2.

No tópico seguinte, outro fator, a idade, cuja relevância também é apontada por teóricos na área deste estudo, será foco de discussão já que ele engloba outros aspectos influentes no processo de aquisição e/ou aprendizagem de L2.

Fator idade

Diferenças entre crianças e adultos no processo de aquisição e/ou aprendizagem de L2 têm sido contempladas por pesquisadores. A idade do aprendiz, por exemplo, foi apontada por eles como uma das características que pode facilitar ou dificultar a apropriação da L2. Crianças ao atingirem a idade crítica (termo proposto por Lennerberg, apud Schutz, 2012) têm desempenho semelhante à de um nativo quanto à aquisição e/ou aprendizagem, o adulto, por sua vez, tem mais dificuldades. Schutz (2012) no intuito de explicar o fenômeno da idade crítica, apresentou um estudo de fatores que afetam o desenvolvimento cognitivo do indivíduo.

Os fatores elencados por Schutz (2012) foram: biológicos, cognitivos, ordem afetiva, o ambiente e o *input* linguístico. O fator biológico, conforme Schutz (2012) refere-se

a duas hipóteses: a lateralização do cérebro e a acuidade auditiva. Quanto à primeira, o autor revelou que os dois hemisférios cerebrais (direito e esquerdo) desempenham diferentes funções, e, na infância, esses hemisférios estão mais interligados correspondendo ao período máximo de aprendizagem. Doutro modo, no processo de lateralização, inicia-se a partir da puberdade, ocorre menor interação entre os lados.

Sobre a segunda hipótese, Schutz (2012) afirmou ser superior a percepção auditiva nas crianças e adolescentes. Para ilustrar tal afirmativa, citou uma situação vivenciada na Inglaterra em 2006. Nesta ocasião, um dispositivo emissor de uma frequência sonora desagradável, foi lançado no mercado, e, somente crianças e jovens de até 25 anos conseguiram ouvi-la. Esta ação evitava aglomeração dessas pessoas em frente a escolas, lojas e estações de trem. Devido a essa capacidade auditiva, crianças e jovens conseguem assimilar com mais facilidade novos sons e representá-los (Schutz, 2012).

Em relação aos fatores cognitivos, há uma caracterização de dois aspectos: a formação da matriz fonológica e a assimilação natural versus o estudo formal. Esta última está baseada na hipótese da aquisição e aprendizagem de Krashen (1982) a partir da qual Schutz (2012) complementou que a cognição do adulto já em desenvolvimento possui conhecimento acumulado e tem a capacidade de compreender conceitos abstratos. Assim, os adultos podem entender melhor estruturas gramaticais da língua estrangeira e compará-la à própria língua. Em contrapartida, a cognição das crianças está em fase de construção, dependendo de experiências concretas e percepções diretas (Schutz, 2012).

Por meio da matriz fonológica, segundo aspecto do fator cognitivo, Schutz (ibid.) esclareceu: a criança tem maior habilidade para adquirir um sistema fonético de outras línguas, primeiro por causa de sua acuidade auditiva (capacidade de percepção dos sons), e também porque seu desenvolvimento cognitivo está no início, tendo a criança hábitos menos enraizados. No adulto, ao contrário, a sensibilidade auditiva diminui, e sua matriz fonológica está automatizada a perceber e produzir os fonemas do sistema de sua língua materna. Com efeito, em um trabalho de Scliar-Cabral (1988) sobre semelhanças e diferenças entre aquisição de primeira língua e aprendizagem de segunda língua concluiu-se:

“... quanto mais velho for o aprendiz, tanto mais difícil se torna adquirir novos automatismos...” (p. 45), por isso o aprendiz mais velho tende a conservar seu sotaque ao usar outra língua.

Em virtude dos automatismos, o adulto acaba por transferir para a segunda língua características de sua língua materna, o que Schutz (2006) identificou como interlíngua: “...é o sistema de transição criado pelo aprendiz... caracterizado pela interferência da língua materna...” (publicação eletrônica).

O terceiro fator citado por Schutz (2012), o de ordem afetiva, sustentou-se na hipótese do filtro afetivo de Krashen (1982) incluindo: (des)motivação¹, ansiedade e autoconfiança.

Também baseado em Krashen (1982), Schutz (2012) citou o *input* linguístico; este consiste na assimilação de línguas por meio de situações reais nas quais a pessoa está exposta a conhecimento linguístico um pouco acima do seu nível atual de entendimento. E para acrescentar, o autor abordou a relevância do ambiente linguístico no processo de aquisição e/ou aprendizagem, o qual para as crianças será adequado ao seu nível de entendimento. Certamente os adultos, por possuírem nível de pensamento e linguagem mais amplos, serão expostos a ambientes linguísticos formais e mais complexos.

Schutz (2012) ainda salientou a importância do contato com estrangeiros, tanto para enriquecimento linguístico quanto para o respeito às diferenças e construção de identidade. Lightbown e Spada (1993, p. 42-43) tratou o fator ambiente por meio da posição interacionista citando Hatch (1992, apud Lightbown e Spada, 1993), Pica (1994, apud Lightbown e Spada, 1993) e Long (1983, apud Lightbown e Spada, 1993). Estes autores (1992, 1994, 1983, apud Lightbown e Spada, 1993) sustentaram a ideia da aquisição de L2 por meio da interação comunicativa, semelhante à aquisição de primeira língua; e afirmando que o aprendiz não necessita de simplificação da língua, mas oportunidade para interagir com falantes nativos.

¹ Sobre motivação conferir Lightbown e Spada (1993), em seu trabalho sobre fatores que afetam a aprendizagem de segunda língua.

As teorias aqui apresentadas tentaram explicar os dois casos colombianos no contexto brasileiro, analisados nesta pesquisa para contribuir na reflexão e compreensão sobre o processo de aquisição e aprendizagem na L2.

Metodologia

Esta pesquisa apresenta um estudo de caso de natureza explicativa. Assim como Gil (2007, p. 42) colocou, esta natureza tem como objetivo identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Neste trabalho, um dos objetivos é identificar fatores os quais possam explicar a diferença no nível de aquisição e/ou aprendizagem de segunda língua entre os sujeitos participantes desta pesquisa.

Um dos participantes desta pesquisa foi C, uma mulher de 37 anos. Ela concluiu o segundo grau, é natural da Colômbia e chegou ao Brasil em agosto de 2008 sem saber a língua. Até então, residia em uma cidade do interior da Bahia, estava casada com um brasileiro e trabalhava em uma escola de idiomas. O outro participante foi D, filho de C, um adolescente de 18 anos, que concluiu o segundo grau, também é natural da Colômbia e chegou ao Brasil em maio de 2010 sem saber a língua. Ele morava com a mãe e o padrasto até o momento da pesquisa.

Os dois sujeitos ao serem informados do objetivo desta pesquisa concordaram em colaborar. Para a coleta e análise dos dados, foi utilizado um questionário-entrevista com questões abertas, fechadas e de múltipla escolha totalizando 15 perguntas. Como os envolvidos nesta pesquisa se encontravam regularmente no ambiente de trabalho do pesquisador (C como funcionária e D como estudante), a coleta de informações, portanto, aconteceu neste local, em um único dia, porém em momentos diferentes. O pesquisador esteve presente e disponível quando os sujeitos respondiam aos seus questionários-entrevista, contudo, os participantes não solicitaram sua intervenção, por não sentirem dificuldades. As respostas dos sujeitos obtidas pelas questões abertas foram redigidas pelo pesquisador devido à viabilidade linguística, pois os dois informantes da pesquisa não possuíam fluência na escrita do português.

A opção pelo questionário proporcionou maior liberdade ao entrevistado, a maior parte dele exigiu respostas precisas. As perguntas abertas, por sua vez, forneceram uma amostragem melhor sobre as experiências dos sujeitos com relação ao percurso na aquisição e aprendizagem da L2. As informações obtidas por meio deste instrumento indicam como suas experiências no país da língua alvo têm refletido no sucesso e dificuldades na aquisição e/ou aprendizagem da segunda língua.

Resultados

O estudo de caso desta pesquisa está focado em apenas duas pessoas, portanto, utilizou-se gráficos de barras e colunas para indicar as informações fornecidas por cada uma delas.

Seguem abaixo os gráficos referentes às respostas apresentadas pelos informantes no questionário da pesquisa.

Questão 1: Contabilizar o tempo de cada sujeito no país onde está adquirindo e/ou aprendendo a L2.

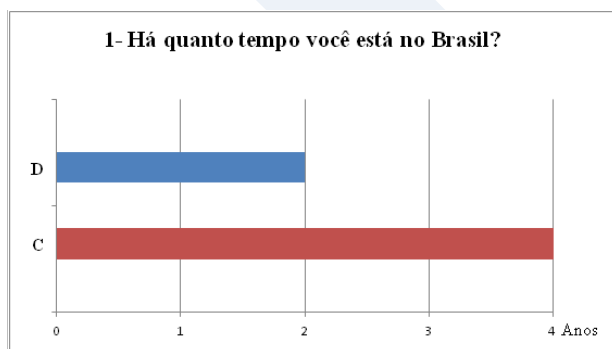


Figura 1: Tempo de vivência no país da L2.

Questão 2: Coletar dados sobre os sentimentos dos entrevistados com relação a L2.

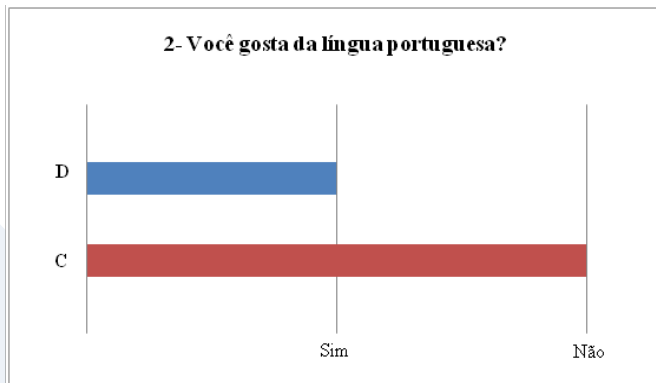


Figura 2: Sentimentos dos participantes com relação a L2.

Questão 3: Ter conhecimento de cursos que os participantes fizeram ou têm feito para aprender a L2 e o tempo dedicado.

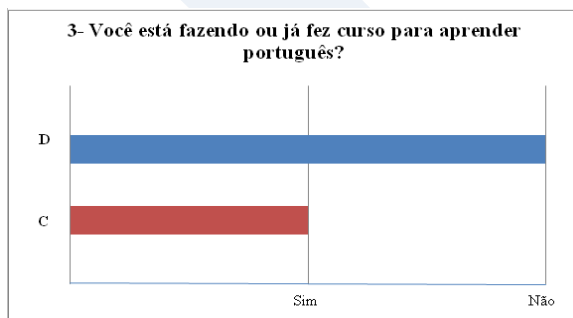


Figura 3: Participação em cursos de aprendizagem na L2.

Questão 4: Avaliar, segundo a opinião do informante C, a utilidade do curso em sua aprendizagem na L2.

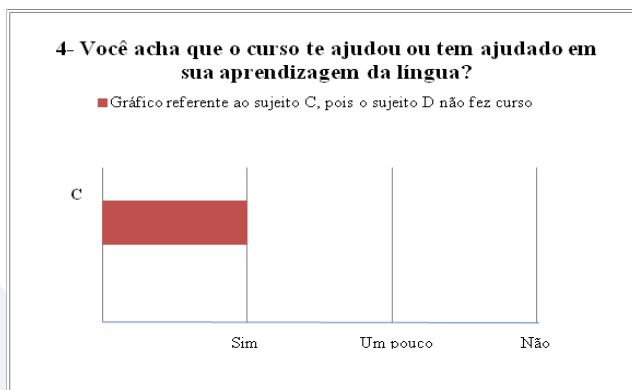


Figura 4: Avaliação sobre a aprendizagem no curso.

Questão 5: Obter informação sobre como os sujeitos julgam seus conhecimentos na L2 de acordo com o conteúdo ao qual já foram expostos.

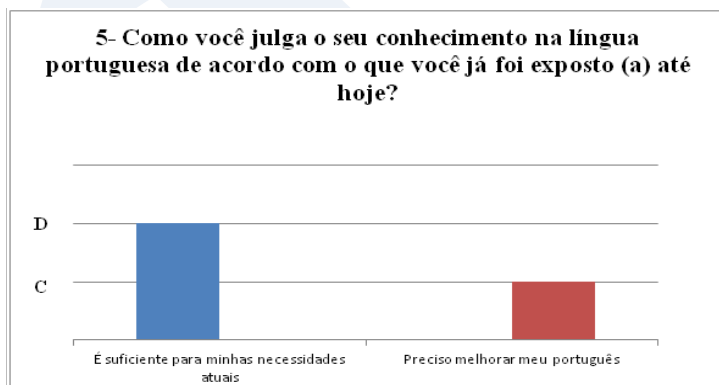


Figura 5: Nível de conhecimento na L2 segundo o julgamento do participante.

Questão 6: Identificar os meios utilizados pelos participantes na aquisição e/ou aprendizagem da L2.

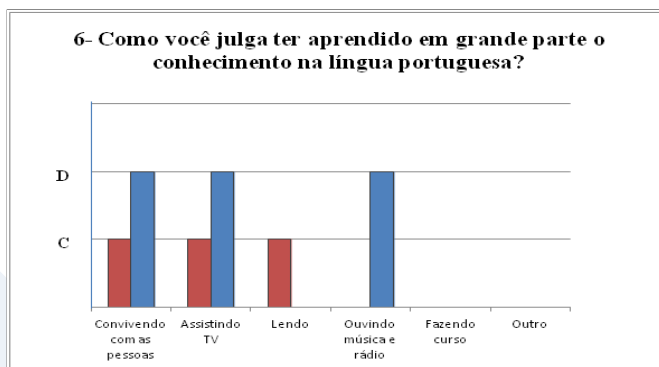


Figura 6: Atitudes dos participantes para a aquisição e aprendizagem da L2.

Questão 7: Descobrir os aspectos que funcionaram como fator de motivação para a aquisição e/ou aprendizagem da L2.

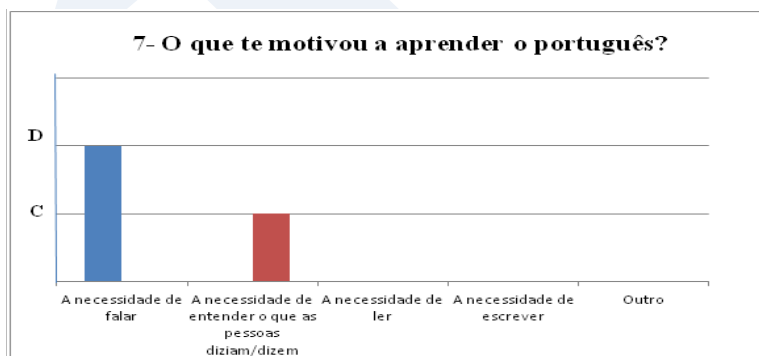


Figura 7: Motivação para a aquisição e aprendizagem da L2.

Questão 8: Informar sobre as dificuldades apresentadas pelos entrevistados na aquisição e/ou aprendizagem da L2.

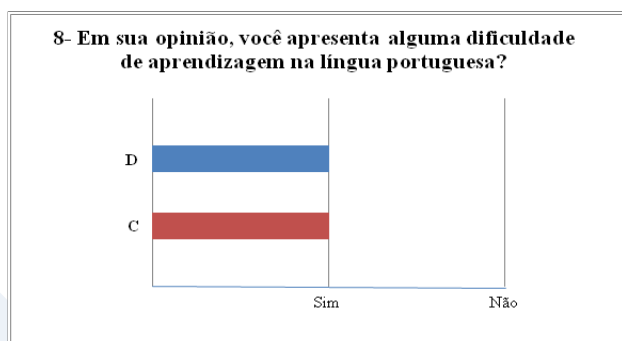


Figura 8: Apresentação ou não de dificuldades na aquisição e aprendizagem da L2.

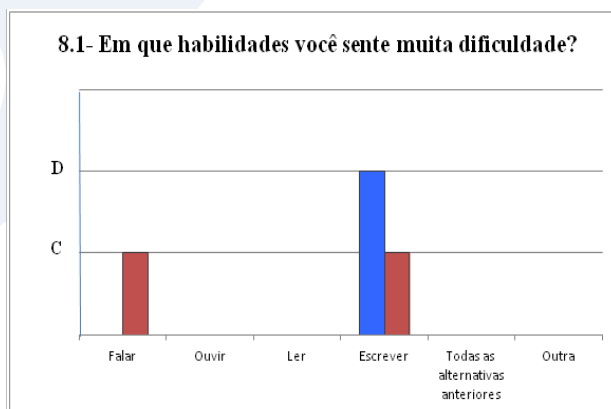


Figura 8.1: Apresentação das dificuldades em habilidades na L2.

Questão 9: Revelar as atitudes tomadas pelos informante para amenizar suas dificuldades e melhorar sua L2

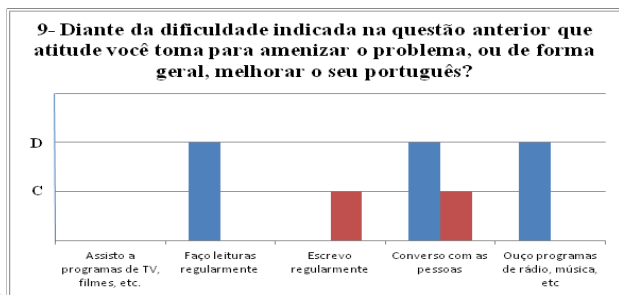


Figura 9: Atitudes tomadas para melhorar a L2.

Questão 10: Conhecer os sentimentos dos participantes sobre a experiência de aprender uma L2.

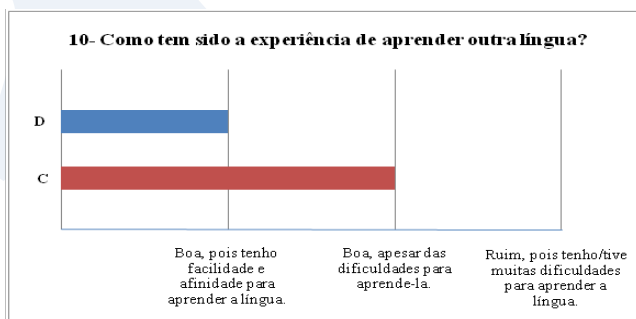


Figura 10: Opinião sobre como tem sido a aprendizagem da L2.

Discussão dos resultados

Um aprendiz adulto

Com base nos resultados expostos acima e os relatos descritos na entrevista, foram apresentadas as experiências de C e D separadamente. Em seguida, por meio de um paralelo entre eles, identificaram-se alguns dos fatores postulados neste trabalho e como eles influenciaram o processo de aquisição e aprendizagem dos sujeitos participantes, além de apontar quando houve e se houve aquisição e/ou aprendizagem.

Em primeira análise, a participante C afirmou não gostar da língua portuguesa, pois a considerava muito difícil nos aspectos: regras gramaticais, acentos, e, principalmente, sonoro. Existem alguns sons no português ausentes em sua língua; por exemplo, ela não conseguia pronunciar o som de /v/ da palavra em português “vizinho” (*vecino* em espanhol), porque a letra v em sua língua materna é pronunciada com o som de /b/. Tal conflito linguístico pode ser justificado por Scliar-Cabral (1988): “... uma vez adquiridos automatismos na língua nativa, quanto mais velho for o indivíduo tanto mais difícil será adquirir novos automatismos fonatórios”. (p. 46-47)

Por outro lado, segundo C, as palavras similares entre o português e o espanhol, palavras vinculadas a aspectos gramaticais simples e sem acento agudo facilitaram na compreensão da L2. Efetivamente, Lightbown e Spada (1993) em seus estudos sobre a Hipótese de Análise Constrativa revelou: “...onde houver semelhanças entre a primeira língua e a língua alvo o aprendiz irá adquirir estruturas da língua-alvo com facilidade; onde houver diferenças, o aprendiz terá dificuldades” (p. 35)². Aqui a participante apresentou características de aprendizagem, pois ela conscientemente tentava identificar analogias entre o espanhol e o português, comparando e interpretando suas estruturas linguísticas para auxiliar em sua compreensão.

Logo após a sua chegada ao Brasil, C fez um curso de português durante 6 meses, mas o interrompeu em virtude da língua alvo ser complicada, conforme seu ponto de vista. Apesar do pouco tempo, ela declarou que o curso a ajudou a entender mais a oralidade dos falantes nativos. Este é um contexto inserido no processo de aprendizagem, e, conforme Krashen, (1982) o estudo da estrutura e aspectos gramaticais fazem parte do processo de aprendizagem. Isto é, C foi engajada em um ambiente artificial caracterizada pela aplicação de métodos de ensino. Neste caso houve aprendizagem da L2.

Por conseguinte, ela julgou-se uma boa ouvinte e leitora, embora com dificuldades para falar e escrever. Então, C passou a escrever regularmente, além de trabalhar sua ora-

² Tradução nossa.

lidade conversando com as pessoas. Como a própria informante alegou ser uma boa ouvinte, ela demonstrou ter facilidade de compreender as pessoas, isto é, adquirir a L2, mas apresentando problemas para se comunicar.

Dois incentivos indicados pela colombiana para ter continuado a aprender e/ou adquirir a L2 foram a necessidade de compreender as pessoas e suas funções no trabalho enquanto secretária — atender pessoas, fornecer informações, fazer ligações, receber e fazer pagamentos, etc. Se alguém não a entendia, logo expressava-se por gestos e mímicas, escrevia, falava devagar, procurava uma palavra similar ou solicitava a ajuda de alguém: “... se estivermos em um ambiente caracterizado pela presença de uma língua estrangeira, naturalmente teremos uma forte e imediata motivação para assimilarmos essa ferramenta que nos permite interagir no ambiente, dele participar e nele atuar.” (Schutz, 2003, p. 01). Ao refletir o caso de C no trecho, é perceptível que as situações e o novo ambiente linguístico a pressionaram e fizeram-na assimilar um novo conteúdo para viabilizar sua comunicação com as pessoas.

Como C apontou, parte de seu conhecimento sobre a L2 foi adquirido por meio da convivência com as pessoas, da leitura e assistindo a programas televisivos. Ela fazia uso da L2 em seu trabalho e entre os amigos, mas em casa utilizava sua língua materna com o filho e o marido (brasileiro).

Ela mencionou duas situações consideradas frustrantes. A primeira foi em um supermercado, ela pediu por um produto e ninguém a compreendeu, então resolveu procurar sozinha e sem sucesso foi embora. O outro momento foi após o almoço, ela queria tomar *helado* (sorvete em português), contudo ninguém conseguiu interpretá-la. Em outro dia, seu marido a convidou para tomar sorvete, uma mistura de graviola com leite e açúcar na cultura dela, para sua surpresa, C se deparou com aquela iguaria, explicou ao seu marido que aquilo era *helado*, a sobremesa a qual ela havia se referido anteriormente. Neste ponto, C aprendeu sobre diferenças entre os significados de vocábulos relevados pela cultura dos países envolvidos (Colômbia e Brasil).

C assegurou ter sido boa sua experiência, apesar das dificuldades, e, aconselhou: “quando as pessoas pretendem viajar para o exterior, a primeira coisa a considerar é o conhecimento básico sobre a língua estrangeira para lidar com simples situações e não ter que enfrentar grandes dificuldades”.

Um aprendiz adolescente

Em segunda análise, ao contrário de C, D declarou gostar da língua portuguesa porque a considerava bonita, diferente e não muito comum no mundo. Ele não fez parte de um curso regular para aprender a língua. Mesmo assim, julgou seu conhecimento sobre a língua estrangeira suficiente para suas necessidades daquele momento. A respeito de suas habilidades linguísticas, admitiu ser um bom leitor e falante, um ouvinte regular e com dificuldades para escrever, principalmente palavras acentuadas.

A fim de melhorar seu português, D fazia leituras regularmente, conversava, ouvia músicas e programas de rádio, e ainda, assistia à televisão. Desta forma, ele apontou ter aprendido e adquirido em grande parte a L2. Percebe-se que, por meio destas atividades de ouvir, ele passou pelo processo de aquisição, assimilando o significado dos vocabulários e identificando os sons das palavras. Já no caso da leitura, pode ter interpretado as estruturas formais e informais da língua, analisando e aprendendo suas formas, então, passou a usá-las de maneira consciente.

O motivo para D aprender a língua foi a necessidade de se comunicar. Às vezes, D tem uma pequena dificuldade de entender a fala de alguém e pede para a pessoa repetir devagar. Quando acontece o contrário, assim como C, D se expressa por gestos e tenta explicar o assunto utilizando outras palavras. Já em casa ele fala na língua nativa (espanhol) com a mãe (C) e o padrasto (brasileiro).

Uma situação frustrante para D foi quando começou a trabalhar, as pessoas não o entendiam de forma alguma. Todavia, um fator motivador foi sua entrada em um clube de futebol onde D começou a interagir com colegas da mesma idade, deste modo ele ale-

gou ter se tornado mais confiante. Essa é outra situação na qual D precisou se esforçar para assimilar o conteúdo da mensagem transmitida em L2 pelos seus colegas.

De acordo com D, foi fácil aprender, memorizar e compreender novos sons e novas palavras. Além disso, a experiência de aprender outra língua foi boa, pois ele mencionou ter apresentado afinidade e facilidade de aprender o português.

Refletindo sobre a aquisição e ou aprendizagem de segunda língua dos dois casos colombianos

A análise dos casos foi baseada nos princípios de Krashen (1982) sobre aquisição e aprendizagem. Primeiro, os colombianos interagiram com falantes do português em um ambiente natural de L2, e, pela necessidade de se comunicarem com os outros, começaram a adquirir a língua (processo inconsciente). Por outro lado, quando eles interpretaram o conhecimento e começaram a usá-lo de forma consciente, passaram por um processo de aprendizagem.

Pode-se explicar por meio da hipótese do ‘input’ de Krashen (2002 apud Schutz, 2004) como a aquisição de uma língua acontece:

... a hipótese do input refere-se à aquisição, não à aprendizagem... o aprendiz melhora e progride ao longo de uma ordem natural quando recebe o ‘input’ da segunda língua que significa um passo além do seu estágio atual na competência linguística. (p. 03)³

Por exemplo, D está aqui no Brasil a metade do tempo de sua mãe (2 anos) e apresenta um rendimento na L2 bem melhor, seu sotaque é menos carregado, enquanto o da sua mãe é forte, inclusive é perceptível na fala de C a presença de vocábulos de sua língua materna.

Para complementar, Schutz (2012) abordou sobre o ambiente como fator relevante para o tipo de input que o aprendiz irá assimilar. Isso ajuda a explicar o melhor desem-

³ Tradução nossa.

penho de D comparado a C na aquisição da L2; o ambiente para D foi mais propício do que para C. Para confirmar a influência do ambiente Lightbown e Spada (1993) enfatizou:

(...). Aprendizes mais novos em ambiente informal de aprendizagem da língua têm mais tempo para se dedicar a aprendizagem da língua. Eles... usam a língua em ambientes onde eles não experimentam forte pressão... aprendizes mais velhos estão frequentemente em situações que exigem muito mais uma linguagem complexa e expressão de ideias mais complicadas. (p. 60)⁴

D não esteve inserido em um ambiente mais formal que exigisse dele a compreensão de input complexo. C, por sua vez, tem enfrentado situações mais complexas e ambientes mais formais devido o seu trabalho.

Outro elemento citado neste processo de aquisição e/ou aprendizagem é a motivação. Segundo Schutz (2003): “A origem da motivação é sempre o desejo de se satisfazer necessidades.” (p. 01). Os participantes desta pesquisa demonstraram motivação por causa da necessidade de comunicação. Contudo, C afirmou não conseguir aprender gramática e não gostar da língua portuguesa porque era difícil, situação que indicou um aumento de seu filtro afetivo (KRASHEN, 1982).

Ao contrário, o aprendiz D apresentou diminuição em seu filtro afetivo quando entrou em um clube de futebol, e o contato regular com falantes do português o ajudou na aquisição da língua. Os sujeitos C e D eram comunicativos, extrovertidos e faziam amizades facilmente e isso pode ter contribuído para diminuir o filtro afetivo deles e assim desenvolver suas habilidades comunicativas na L2.

A idade é um outro fator apontado por pesquisadores. A idade crítica (Schutz, 2012) é atingida na puberdade caracterizada pelo período de aprendizagem máxima e ambos os sujeitos atingiram esta idade quando ocorreu a lateralização do cérebro, ou seja, ocorreu menor interação entre os hemisférios cerebrais. Com relação à acuidade auditiva — a qual abrange crianças a jovens de 25 anos —, somente D está incluso no processo,

⁴ Tradução nossa.

pois ainda é um adolescente de 18 anos, o que também explica sua facilidade em adquirir novos automatismos, ao contrário de C.

Isto posto, o aprendiz jovem de L2 aprendeu e adquiriu competência na L2 mais rápido que o aprendiz mais velho. Ellis reforça (1997): “... só é possível adquirir a competência de um falante nativo se os aprendizes começarem cedo quando seus cérebros estão, de certo modo, abertos para a língua” (p. 14)⁵. De acordo com Lightbown e Spada (1993):

Muitos aprendizes adultos de segunda língua se tornam capazes de se comunicar com sucesso na língua, mas para a maioria, diferenças de sotaque, escolha de palavra ou características gramaticais os distinguem dos falantes nativos e de falantes de segunda língua que começaram a aprender a língua enquanto eram muito jovens. (p. 60)⁶

Muitos aspectos influentes no processo de aquisição e/ou aprendizagem de L2 dos participantes C e D estão baseados e comprovados pelas teorias de linguistas que relevam o meio social, experiências, motivação, idade, filtro afetivo e aspectos linguísticos. Eles não aprenderam muita gramática, não desenvolveram bem a escrita, mas, de acordo a participante C, ela desenvolveu mais sua habilidade de leitura e pouco a fala e, conforme o sujeito D, ele desenvolveu mais sua habilidade de fala. Ambos desenvolveram suas habilidades na L2 até certo ponto, mas nenhum alcançou competência de um falante nativo, ainda.

Conclusão

Assim como nos resultados dos estudos de Lightbown e Spada (1993) sobre os fatores que afetam a aprendizagem de L2, o fator idade foi uma das características determinantes sobre como C e D adquiriram e aprenderam a L2. Isso devido à influência da late-

⁵ Tradução nossa.

⁶ Tradução nossa.

realização do cérebro e da acuidade auditiva. Mas, outros fatores contribuíram para o sucesso ou o pouco desenvolvimento de C e D na aquisição e/ou aprendizagem da L2.

Ambos colombianos passaram por níveis de aquisição e aprendizagem divergentes. Pelo que foi apresentado e analisado, C esteve mais envolvida em processo de aprendizagem que D, embora desde o início o processo de aquisição esteve presente. Por outro lado, D esteve mais envolvido no processo de aquisição, e segundo Krashen (1982) este é o processo mais importante, pois os aprendizes adquirem a L2 por meio da comunicação natural, focando no ato comunicativo e não na forma de suas declarações. Portanto, os aprendizes estavam inseridos em um ambiente favorável para recepção de *input*, interagindo com pessoas nativas da L2.

Para C e D, o filtro afetivo oscilou. Apesar das situações frustrantes e dificuldades enfrentadas no ambiente de L2, eles não desistiram. Neste caso, as dificuldades serviram como estímulo e conseqüente motivação à aquisição e aprendizagem da L2 devido à necessidade de comunicação, compreensão e interação com o outro: "... a motivação pode determinar o comportamento de um indivíduo e conduzi-lo a alcançar seu alvo." (Lima, p. 117).

A diferença mais marcante entre C e D é o sotaque. D possui o sotaque menos carregado, isso porque estava na idade da acuidade auditiva, ou seja, teve facilidade de percepção dos sons da fala e produzir novos automatismos. Enquanto C já ultrapassou esta fase e ela teve mais dificuldades de reconhecer novos automatismos; então a L2 sofreu interferências da língua materna, principalmente nos fonemas dos vocábulos, o que causou um pouco de incompreensão para os interlocutores de C.

Quanto às hipóteses de ordem natural e do *monitor*, não foi possível analisar nestes casos, pois a coleta adquirida não possibilitou informações para tal. Não foi perceptível a ordem em que os sujeitos aprenderam as estruturas e como utilizaram as regras para ajudar a organizar suas mensagens de forma mais apropriada. Mesmo porque esta pesquisa buscou encontrar fatores que influenciaram a diferença na aquisição e/ou aprendizagem da L2 dos casos colombianos. De qualquer forma, esta seria uma vertente para uma outra

pesquisa, coletar amostras da fala e/ou escrita por um período de tempo e analisar o progresso deles na L2.

Enfim, apesar de os informantes falarem a mesma língua, serem mãe e filho e morarem na mesma casa, alcançaram um nível de aprendizagem diferente um do outro, influenciados por fatores externos e internos associados às atitudes tomadas diante de suas dificuldades. Portanto, cada sujeito possui um ritmo próprio de aprendizagem; vale, então, buscarmos mais informações e dedicarmos a estudos que ajudem a ampliar nossos conhecimentos e compreensão sobre como o processo de aquisição e aprendizagem ocorrem em diferentes aprendizes.

Incluindo o ambiente de ensino de língua estrangeira na educação regular, onde se encontram diferentes aprendizes com diferentes dificuldades para aprender uma língua estrangeira, os professores podem ajudá-los a refletir sobre os fatores que influenciam o desempenho linguístico e buscar estratégias as quais possam viabilizar a aprendizagem na realidade na qual estão inseridos.

**ACQUISITION AND LEARNING OF SECOND LANGUAGE:
AN ANALYSIS OF TWO COLOMBIAN CASES
IN THE BRAZILIAN CONTEXT BETWEEN DIFFICULTIES AND PROGRESS**

ABSTRACT:

This research presents a case study on the factors influencing the acquisition and learning of second language by two Colombians, a teenager and an adult, in the Brazilian context. During the study, both participants lived in Brazil and they presented distinct linguistic performances. Approaches introduced by authors, such as Krashen (1982, 2002), Schutz (2003, 2012), Lightbown and Spada (1993), and others, were utilized to explain the process these foreigners underwent to learn the Brazilian Portuguese. Data collection was conducted through a questionnaire where participants presented their experiences, highlighting the negative and positive aspects faced when learning the target language. This study aimed to identify and understand the phenomena reported and consider this process in other learning contexts. Results revealed what factor had the greatest influence and how this factor determined the difference between the language learning and acquisition of participants.

KEYWORDS: Brazilian context; Portuguese language; Second language acquisition and learning.

Referências

CABRAL, Leonor Scliar. Semelhanças e diferenças entre a aquisição das primeiras línguas e a aprendizagem sistemática das segundas línguas. In: BOHN, H. Vandressen P. (org.) *Tópicos de linguística aplicada: o ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1988.

ELLIS, Rod. *Second language acquisition*. Oxford University Press, USA, 1997. Series Editor H. G. Widdowson.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed., São Paulo: Atlas, 2007.

KRASHEN, S.D. *Principle and practice in second language acquisition*. Oxford: Pergamon Press, 1982.

LIGHTBOWN, P. SPADA, N. *How are language learned*. Oxford U.K. Oxford University Press, 1993.

LIMA, Diógenes Cândido de. Elementos (des)motivadores na aprendizagem da língua inglesa. In: LIMA, Diógenes Cândido de (org.). *Aprendizagem de língua inglesa: histórias refletidas*. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2010.

SCHUTZ, Ricardo. *A idade e o aprendizado de línguas*. 2012. Disponível em <http://www.sk.com.br/sk_apre2.html>. Acesso em 31 de agosto de 2012.

_____. *Motivação e desmotivação no aprendizado de línguas*. English made in Brazil. 2003. Disponível em <http://www.sk.com.br/sk_motiv.html>. Acesso em 31 de agosto de 2012.

_____. *Stephen Krashen's theory of second language acquisition: assimilação natural — o construtivismo no ensino de línguas*. 2002. Disponível em < www.sk.com.br/sk-krashen.html > Acesso em 19/07/2004.

*Recebido em 15/08/2012.
Aprovado em 21/01/2013.*